A LIAHONA

A IGREJA DE JESUS CRISTO DOS SANTOS DOS ÚLTIMOS DIAS ▪ OUTUBRO DE 1991

A LIAHONA

OUTUBRO DE 1991

Capa:
Elena Stolyar, 26 anos, convertida em Leningrado, vê o evangelho remodelar sua vida com "novos valores, novos amigos e nova esperança". Vide "O Evangelho na União Soviética", página 10. Fotografia de Giles H. Florence Jr.

Seção Infantil:
Além de ganhar prêmios como corredora e ginasta, Magdalena Nilsson, da Suécia, também faz amigos para a Igreja, compartilhando o evangelho com os outros. Fotografia de Richard M. Romney.

DESTAQUES

MENSAGEM DA PRIMEIRA PRESIDÊNCIA: QUE CAMINHO SEGUIREIS? PRESIDENTE THOMAS S. MONSON 2

UMA RAZÃO PARA VIVER GARY G. FELT 8

O EVANGELHO NA UNIÃO SOVIÉTICA GILES H. FLORENCE JR 10

ONDE FICA A IGREJA? ÉLDER JAMES E. FAUST 26

UMA VIDA NOVA PARA A IRMÃ ELLIOTT JAY R. LYMAN 32

A TERRA DE JESUS, PARTE 2 34

YUKIO E JUNKO FUJITAKE: UMA ABORDAGEM INCOMUM JIM MATSUMORI 48

ESPECIALMENTE PARA OS JOVENS

"E SE FOR REALMENTE VERDADE?" DEREK PREECE 22

ALGUÉM PARA QUEM OLHAR COM ADMIRAÇÃO JANET THOMAS 42

DEPARTAMENTOS

COMENTÁRIOS 1

MANUAL PARA AS FAMÍLIAS: COMO ENSINAR OS FILHOS A PRESTAR SERVIÇO 18

MENSAGEM DAS PROFESSORAS VISITANTES: A FAMÍLIA: UM CENTRO DE CRESCIMENTO ESPIRITUAL 25

SEÇÃO INFANTIL

HISTÓRIAS DO LIVRO DE MÓRMON: ALMA ENSINA E BATIZA 2

MAIS DO QUE UMA SIMPLES PALAVRA LESLIE ETHINGTON 4

TEMPO DE COMPARTILHAR: QUANDO VOU À IGREJA LAUREL ROHLFING 8

EXPLORANDO: "QUE SOU EU?" MELISSA BLANCHARD 10

UMA VISITA À PRAÇA DO TEMPLO 12

FAZENDO AMIGOS: MAGDALENA NILSSON LAWRENCE CUMMINS 14

OUTUBRO de 1991, Vol. 44, nº 10
91990 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quorum dos Doze:
Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott

Consultores:
Rex D. Pinegar, Gene R. Cook, John H. Groberg, Robert E. Wells
Editor: Rex D. Pinegar
Diretor Gerente do Departamento de Currículo: Ronald L. Knighton
Diretor de Revistas da Igreja: Thomas L. Peterson

International Magazines:
Editor Gerente: Brian K. Kelly
Editor Gerente Assistente: Marvin K. Gardner
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: De Anne Walker
Controlador: Diana W. Van Staveren
Supervisão de Arte: M. M. Kawasaki
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Steve Dayton, Jane Ann Kemp, Denise Kirby
Gerente de Circulação: Joyce Hansen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Paulo Dias Machado
(Reg. 8966-35-02 - RJ)
Tradução e Notícias Locais: Flavia G. Erbolato
Assinaturas: Carlos Tadeu de Campos

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **Cr$ 2.500,00**; para Portugal — Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Rua Aquiles Machado, 5M5J - 1900 - Lisboa. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea, US$ 10,00.
Preço de exemplar em nossa agência: **Cr$ 210,00**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930. A Liahona, revista internacional de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é publicada mensalmente em chinês, holandês, dinamarquês, inglês, finlandês, francês, alemão, italiano, japonês, coreano, norueguês, português, samoano, espanhol, sueco e tonganês; bimensalmente em indonésio, taitiano e tailandês; e trimestralmente em islandês.
Impressão: Indústria de Artes Gráficas ATLAN Ltda. -Rua 21 de Abril, 787 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - Telefone (011) 814-2277.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9.00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801--240-2947.

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

POR FAVOR, ABENÇOA KATHY

Esta é a primeira vez que lhes escrevo, embora leia assiduamente a *Seito no Michi* (*A Liahona*, em japonês).

Fiquei impressionada com o artigo "Por Favor, Abençoa Kathy", escrito por Trina Hazlewood na edição de setembro de 1990. Quando jovem, Trina sentiu-se amargurada por ter sido rejeitada por membros da Igreja de sua própria idade. Depois de um longo período de tempo aprendeu a amar suas perseguidoras, orando por elas.

Embora seja compreensível que esse tipo de perseguição possa ser encontrado na escola ou no trabalho, é trágico quando acontece na Igreja. É de pouco valor assistir às reuniões da Igreja e estudar as escrituras, quando deixamos de viver os princípios do evangelho. Aqueles que têm a sorte de possuir um testemunho do evangelho e que estão ativos na Igreja, precisam estender a mão aos fracos e ofendidos. Deveríamos fazer o mesmo que o Salvador faria.

Fiquei contente em ver que Trina aprendeu a importância do perdão, depois de suportar a perseguição. Quando adolescente perseguiram-me de maneira semelhante, embora nunca fosse capaz de perdoar quem me maltratou. Por não ter conseguido perdoar, minha vida foi afetada, mas respeito Trina e gostaria de seguir o seu exemplo.

Manami Omura
Ala Kakogawa
Estaca Kobe, Japão

ELO DIVINO

Fui convertido à Igreja. Minha conversão começou numa padaria, onde notei um jovem que parecia sobressair-se das pessoas que o rodeavam. Fiquei curioso de saber o que fazia com que ele fosse diferente e perguntei-lhe a que igreja pertencia. Tão logo começou a responder-me, seu companheiro missionário se juntou a nós. Quando perguntei como poderia saber mais sobre a igreja, marcaram uma hora para visitar-me em meu apartamento.

No dia da visita senti muita calma e serenidade em torno dos dois jovens, élder Eric Dorr Hansen e élder Paulo Alves da Silva. Por meio dos sussurros do Espírito Santo senti que a mensagem deles era inspirada e verdadeira e aceitei-a.

O Espírito Santo recentemente me inspirou a ajudar uma irmã que estava passando por uma fase difícil. Mostrei-lhe o discurso proferido pela Presidente Elaine L. Jack, Presidente Geral da Sociedade de Socorro, na Reunião Geral das Mulheres, em setembro de 1990. (Vide "Estas Coisas Nos São Manifestadas Claramente", *A Liahona*, janeiro de 1991.) No discurso a irmã Jack fez referência à história do Salvador, quando oferece à mulher, na fonte de Jacó, a água da "vida eterna". (Vide João 4:14.)

Como me sinto agradecido pelo Espírito Santo. Esse elo divino com a Deidade não só me tem ajudado pessoalmente, mas também me tem incentivado a levar coragem e conforto aos que precisam.

Acir Raposo de Faria
Ala Bela Vista
Estaca São Paulo Brasil

NOTA DO EDITOR

Somos imensamente gratos a nossos leais leitores e os convidamos a nos enviarem cartas, artigos e histórias. A língua não é barreira. Incluam nome completo, endereço, ala ou ramo, e estaca ou distrito. Apreciamos as cartas já recebidas e aguardamos mais cartas de nossos leitores. Nosso endereço é International Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, USA

Que Caminho Seguireis?

O Pai Celestial não nos lançou na jornada eterna sem providenciar os meios pelos quais pudéssemos receber sua orientação para um retorno seguro. Falo da oração.

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Uma faixa preta de asfalto corta as montanhas do norte de Utah, entrando pelo vale do grande Lago Salgado e serpenteando em direção ao sul. Seu nome oficial é Interestadual 15. Por esta rodovia faz-se o escoamento de produtos das fábricas e do comércio, assim como de massas humanas, cada um para seu destino.

Lembro que certa ocasião, há alguns anos, enquanto voltava para casa, aproximei-me de uma entrada para a Interestadual 15. Na pista de acesso, notei três caroneiros, cada um com um cartaz que indicava o destino desejado. Um cartaz dizia "Los Angeles, Califórnia", enquanto no outro se lia "Boise, Idaho". Foi, porém, o terceiro que não somente prendeu minha atenção mas também me fez refletir e ponderar a mensagem nele contida. Nele não estava escrito Los Angeles nem Boise, mas simplesmente "qualquer lugar".

Ali estava alguém disposto a viajar para qualquer direção, dependendo do

Como podemos ter certeza de que faremos uma viagem segura? Não negligencieis as santas escrituras, escritas por marinheiros que já cruzaram com sucesso os mares que também precisamos atravessar.

capricho de quem parasse para dar-lhe uma carona grátis. Que enorme preço para se pagar por um percurso. Nenhum plano. Nenhum objetivo. Nenhuma meta. O caminho para qualquer lugar leva a nenhum lugar, e isso leva ao sacrifício de sonhos, ao desperdício de oportunidades e a uma vida incompleta.

Ao contrário do jovem caroneiro, Deus concedeu-nos a dádiva de escolher o que seguir. Na verdade, o apóstolo Paulo comparou a vida a um curso com metas claramente definidas. Aos santos de Corinto, ele declarou: "Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis" (I Coríntios 9:24). Não deixemos passar o sábio conselho de Eclesiastes: "Não é dos ligeiros a carreira, nem dos valentes a peleja" (Eclesiastes (9:11). Na verdade, o prêmio pertence àquele que persevera até o fim.

Cada um de nós deve perguntar a si mesmo: "Para onde vou? Como pretendo chegar lá? E qual é meu destino divino?"

Talvez o relato de uma experiência ajude a formular respostas a essas perguntas importantes e universais. Ao pensar no curso da vida, lembro-me de um outro acontecimento de infância. Quando tinha cerca de dez anos, meus amigos e eu fazíamos, com canivete, barquinhos de brinquedo, da macia madeira do salgueiro. Com uma vela triangular de algodão como mastro, cada um lançava seu barquinho numa corrida rio abaixo, nas águas relativamente turbulentas do rio Provo. Nós corríamos pela margem, observando os barquinhos que às vezes sacudiam violentamente na corrente, outras vezes flutuando com suavidade, dependendo da fúria da água.

Durante uma dessas ocasiões, notamos que um barquinho estava à frente de todos os outros em direção à linha de chegada, previamente estabelecida. Subitamente, levado pela correnteza de um grande redemoinho, inclinou e virou, ficando a girar e a girar, sem poder voltar à corrente principal. Finalmente, foi parar na extremidade do pego, no meio dos fragmentos e despojos que o rodeavam, agarrado pela vegetação rasteira.

Os barcos de brinquedo da minha infância não tinham quilha para dar-lhes estabilidade, nem leme para dar-lhes direção, nem tampouco fonte de força. Assim como o caroneiro, seu destino era "qualquer lugar", mas, inevitavelmente, rio abaixo.

Fomos dotados de atributos divinos que têm a finalidade de guiar-nos ao nosso destino. Não viemos à mortalidade para flutuar com as correntes da vida, mas com a capacidade de pensar, raciocinar e realizar. Deixamos nosso lar celestial e viemos para a terra na pureza e inocência da infância.

Nosso Pai Celestial não nos lançou na jornada eterna sem providenciar os meios pelos quais pudéssemos receber sua orientação para um retorno seguro, ao fim desta grande jornada da vida. Sim, falo da oração. Falo, também, do sussurro daquela pequenina voz dentro de cada um de nós; e não negligencio as sagradas escrituras, escritas por navegadores que já cruzaram com sucesso os mares que também precisamos atravessar.

Esforço individual será requerido de todos nós. O que podemos fazer para preparar-nos? Como assegurar uma boa viagem?

Primeiro, precisamos visualizar nosso objetivo. Qual é o nosso propósito? O Profeta Joseph Smith aconselhou: "A felicidade é o objetivo e o propósito da nossa existência; e também será o fim, caso sigamos o caminho que nos leva até ela; e esse rumo é a virtude, retidão, fidelidade, santidade e obediência a todos os mandamentos de Deus" (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 249). Em uma única sentença nos é dada não só uma meta bem definida, mas também a forma de alcançá-la.

Segundo, precisamos esforçar-nos continuamente. Já percebestes que muitas das mais preciosas manifestações de Deus a seus filhos ocorreram quando eles participavam em atividade apropriada? A visita do Mestre aos seus discípulos a *caminho* de Emaús, o bom samaritano *a caminho* de Jericó, até mesmo Néfi *retornando* a Jerusalém, e Léhi *viajando* para a preciosa terra prometida. Também não nos esqueçamos de Joseph Smith *a caminho* de Carthage, e de Brigham

Young na vasta planície, *a caminho* do vale, o lar dos santos.

Terceiro, não nos devemos desviar do nosso curso predeterminado. Na jornada, encontraremos encruzilhadas e retornos que serão as inevitáveis provas de fé e tentações de nossos dias. Simplesmente não podemos dar-nos ao luxo de tentar um desvio, pois certos desvios levam à destruição e morte espiritual. Evitemos as areias movediças da imoralidade que nos ameaçam de todos os lados, o redemoinho do pecado e as correntes de filosofias não inspiradas. Aquele tocador da flauta encantada* astuto, chamado Lúcifer, continua tocando a sua alegre melodia, desviando o incauto da segurança do caminho escolhido, do conselho de pais amorosos e dos ensinamentos de Deus. Sua melodia é tão velha, suas palavras sempre tão doces. Seu preço é eterno. Ele não busca o refugo da humanidade, mas os eleitos de Deus. O rei Davi o escutou, seguiu-o e caiu, assim como Caim antes que ele, e Judas mais tarde.

Quarto, para ganharmos o prêmio, devemos estar dispostos a pagar o preço. O aprendiz não se torna um mestre antes de se mostrar qualificado. O advogado não exerce a profissão antes de passar pelo tribunal. O médico não atende às nossas necessidades sem antes terminar o estágio.

Tu terás que decidir
Se irás cumprir ou desistir...
Se em vez da meta buscar,
Contentar-se no mesmo lugar.
(Edgar A. Guest, "You".)

Lembremo-nos de como Saulo, o perseguidor, se tornou Paulo, o pregador; como Pedro, o pescador, se tornou o Apóstolo de poder espiritual.

Nosso exemplo na jornada da vida poderia bem ser o nosso irmão mais velho, o Senhor. Ainda menino, ele nos deu uma senha: "Não sabeis que me convém tratar dos negócios de meu Pai?" (Lucas 2:49.) Quando adulto, ensinou pelo exemplo a compaixão, a obediência, o sacrifício e a devoção. Tanto para vós como para mim, sua mensagem continua a mesma: "Vem, segue-me."

O Élder Randall Ellsworth foi um dos que ouviu e seguiu esta mensagem. Enquanto servia na Guatemala como missionário, Randall Ellsworth sobreviveu a devastador terremoto, que fez com que uma viga caísse sobre suas costas, paralisando-lhe as pernas e danificando-lhe seriamente os rins. Ele foi o único americano ferido no terremoto, que tirou a vida a mais de dezoito mil pessoas.

Após receber tratamento médico de emergência, Randall foi internado num enorme hospital perto de sua casa, em Rockville, Maryland. Enquanto ainda estava internado, vi, através do milagre da televisão, uma entrevista dele. O repórter perguntou: "Você pode caminhar?"

"Ainda não, mas caminharei."

"Acha que poderá terminar a missão?"

"Muitos pensam que não, mas terminarei."

Com o microfone na mão, o repórter continuou: "Soube que recebeu uma carta de alguém que não era outro senão o Presidente dos Estados Unidos desejando-lhe pronto restabelecimento.

"Sim", respondeu Randall, "sou grato ao Presidente por sua gentileza, mas recebi ainda uma outra carta. Não do presidente do meu país, mas do Presidente da minha igreja — A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — Presidente Spencer W. Kimball. Apreciei muitíssimo! Por meio das orações dele e as da minha família, de meus amigos e companheiros de missão, retornarei à Guatemala. O Senhor quis que eu pregasse o evangelho lá durante dois anos, e é isto que pretendo fazer."

Comentei com minha mulher: "Ele não deve saber a extensão de seus ferimentos. Os relatórios médicos oficiais não nos permitem prever tal retorno à Guatemala."

* *Alusão à conhecida fábula do homem que tirou todos os ratinhos de uma cidade, tocando sua flauta. À medida que ele passava, os ratinhos o acompanhavam, e foram todos afogados no rio.*

Numa entrevista televisionada o jovem missionário, hospitalizado com ferimentos graves, expressou publicamente sua fé e o compromisso que havia assumido para com Deus. Ele provaria que os milagres não fazem apenas parte da história, mas que continuam existindo atualmente.

Quão grato sou que dias de fé e milagres não fazem apenas parte da história, mas continuam conosco.

Os jornais e a televisão dirigiram sua atenção para as notícias mais recentes, enquanto os dias se transformavam em semanas e as semanas em meses. As palavras de Rudyard Kipling descrevem a situação de Randall Ellsworth:

"Morrem os gritos e o clamor,
Passa dos reis o vão poder,
Mas teu divino esplendor
Há de viver, há de viver,
Teus mandamentos, ó Senhor
Não nos permitas esquecer!"
("Recessional")

E Deus não esqueceu aquele jovem humilde e de coração contrito o Élder Randall Ellsworth. Pouco a pouco, a sensibilidade começou a voltar a suas pernas. Ele descreve sua recuperação: "O que fiz foi manter-me ocupado, sempre me esforçando ao máximo. No hospital, pedi para fazer terapia duas vezes, em vez de uma ao dia. Eu queria andar por mim próprio novamente." Quando o comitê missionário avaliou o espantoso progresso que Randall Ellsworth havia conseguido, enviou-lhe autorização para retornar à Guatemala. Disse ele: "Primeiro, fiquei tão feliz que não sabia o que fazer. Então, fui ao meu quarto e comecei a chorar. A seguir, ajoelhei-me e agradeci ao Pai Celestial."

Randall Ellsworth entrou caminhando no avião que o levou de volta para a missão à qual fora chamado, para o povo que amava. Para trás deixou uma trilha de céticos, uma hoste de dúvidas, mas também centenas de pessoas assombradas com o poder de Deus, com o milagre da fé e com a recompensa da determinação. À sua frente havia milhares de filhos do Pai Celestial, honestos, tementes a Deus e sinceros na busca da verdade. Um apóstolo Paulo moderno, alguém que também sobrepujou seu "espinho na carne", retornou para ensinar-lhes a verdade e guiá-los à vida eterna. Do Élder Ellsworth eles ouviram a palavra de Deus. Aprenderam a verdade nela contida. Aceitaram suas ordenanças.

Assim como Randall Ellsworth, que saibamos aonde estamos indo; que nos sintamos dispostos a fazer o esforço requerido para chegar lá, evitando todo e qualquer desvio, e estejamos dispostos a pagar o preço geralmente muito alto da fé e determinação para conquistar a jornada da vida.

Que possamos, quando chegarmos ao fim da jornada mortal, fazer eco às palavras de Paulo: "Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé" (II Timóteo 4:7). Assim fazendo, ser-nos-á dada aquela "coroa de retidão" que não é perecível, e ouviremos o aplauso de nosso Juiz Eterno: "Bem está, servo bom e fiel, sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor" (Mateus 25:21).

Teremos então terminado nossa jornada, não para um nebuloso "qualquer lugar", mas para o lar celestial — ou seja, a vida eterna no reino celestial de Deus. □

IDÉIAS PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Cada um de nós chega a um ponto na vida em que focaliza a atenção nas importantes perguntas: Aonde estou indo? Como pretendo chegar lá? Qual é o meu destino divino?

2. Para ajudar-nos a alcançar nosso destino, o Pai Celeste nos deu atributos divinos e oportunidades de orar e receber os sussurros do Espírito, e de aprender com as escrituras.

3. Para alcançar nosso destino divino precisamos:
— visualizar nosso objetivo
— fazer um esforço contínuo
— não nos desviarmos do curso predeterminado e
— estar dispostos a pagar o preço.

4. As escrituras nos dão numerosos exemplos de pessoas bem sucedidas que seguiram a orientação do Pai Celestial. Nós também podemos seguir este caminho que leva à felicidade eterna.

UMA RAZÃO

Gary G. Felt

Era quase o fim do dia. Só mais quinze minutos, pensei, enquanto cruzava a ponte, de volta para a delegacia. Olhando em direção ao pôr-do-sol, por cima da grade, as águas do rio, abaixo, me pareceram muito calmas. Foi então que vi um homem em pé, do lado de fora do gradil, só com a cabeça visível acima da estrada. Parei o carro, comuniquei-me com a delegacia e fui caminhando na direção dele.

"Não se aproxime", preveniu o homem, segurando-se na armação da ponte. Nossos olhos se encontraram e eu sabia o que ele estava querendo fazer. Ele também sabia que eu sabia. Senti que faltava pouco para que se soltasse.

O que eu poderia dizer para impedir que o moço pusesse fim à vida? Lembranças do meu treinamento na polícia me passaram rapidamente pela mente: Vá devagar. Faça com que o homem continue falando. Não deixe que fique nervoso. Tive medo de que, por um erro meu, ele viesse realmente a se matar. O que fazer?

Comecei, da forma mais simples possível, a ganhar tempo. "Olá, lindo dia, não é?" disse eu, com a voz mais calma que consegui emitir.

Senti certo alívio quando ele respondeu com tranqüilidade: "Não acho!"

Talvez o tempo esteja do meu lado, pensei. "Meu nome é Gary. E o seu?" perguntei.

"Steve", respondeu. "Por que quer saber?"

Naqueles poucos segundos pensei nas minhas experiências na área de comunicação humana, algumas bem sucedidas, outras fracassadas, e também no valor da vida. Foram poucos os segundos que se passaram, mas me pareceram uma eternidade. Pedi mentalmente ao Pai Celestial que me desse força e orientação. Imediatamente senti uma doce e reconfortante segurança. Por que Steve não pode sentir a mesma segurança? pensei. Não conheço maneira melhor de convencer alguém de que a vida é preciosa, do que prestar testemunho das verdades divinas que nos dão uma razão para viver. E foi assim que comecei. "Eu gostaria de ser seu amigo, Steve. Gostaria de ajudá-lo."

"Você não pode ajudar-me. Ninguém pode", replicou ele.

"Não acredito nisso, Steve. Fale-me sobre você."

"O que quer saber?" perguntou ele, timidamente.

"Você é casado?"

"Sim."

"Tem filhos?" continuei.

Steve começou a falar de sua filhinha de cinco anos de idade, mas parou, logo que viu outros policiais chegando. "Quem são eles?" perguntou, novamente com a voz tensa.

Fiz sinal aos colegas, para que não se aproximassem. "São alguns amigos meus", respondi. "Eles também se preocupam com você."

"Não deixe que se aproximem", exclamou.

"Não se preocupe, eu não deixo", respondi.

Continuamos a conversar. Steve permanecia dependurado do lado de fora da ponte. Sentei-me na curva da estrada, distante dele cerca de dois metros. Falamos sobre sua família e carreira como técnico de uma boa firma de computação. Pareceu-me que ele tinha tudo de que precisava para uma vida agradável. Eu procurava

PARA VIVER

ILUSTRADO POR STEVE MOORE

coisas para dizer, esperando descobrir a raiz do problema e orando para que, ao fazê-lo, não o levasse a entrar em pânico e pular.

Eu sabia que os outros policiais procuravam posicionar-se, de modo a poder ajudar, mas sentia que logo, logo, Steve e eu estaríamos trocando um aperto de mão — contanto que eu conseguisse que ele continuasse falando. Tive esperança de que fosse o Espírito que me estivesse fazendo sentir isso. Assim, com renovado vigor, aventurei-me a continuar. "Steve, pelo que me contou, não estou compreendendo por que você está dependurado do lado de fora da ponte."

"Há algumas coisas que eu também não compreendo", replicou ele. "Não compreendo por que você parece preocupar-se tanto." Ele fez uma pausa, depois continuou, gaguejando: "Eu, eu sinto como se estivesse conversando com um ministro religioso. Sinto vontade de lhe contar coisas que nunca contei nem para minha mulher. Por quê?"

Eu orava enquanto ouvia, e o Espírito me guiava enquanto falava. Foi grande minha alegria ao sentir a orientação do Espírito Santo num assunto tão importante. "Você acredita em Deus?" perguntei.

"Acho que sim. Eu gostaria de acreditar que existe um Deus", replicou ele.

"Existe sim, Steve. Eu sei de todo o coração que Deus vive, e que ele nos ama. Ele tem um grande e glorioso propósito para nós nesta vida."

"Como é que você sabe de tudo isso?" perguntou.

Levantei-me e me aproximei dele. Steve estendeu-me a mão e pulou a grade. Apertamos as mãos.

"Não é difícil saber", respondi. "Você gostaria de aprender mais sobre Deus?"

"Sim, eu gostaria mesmo", disse ele; depois hesitou e adicionou: "Gary".

Dirigido pelo Senhor eu havia ajudado a salvar a vida de Steve, mas o que é mais importante, tinha começado a compartilhar meu testemunho com ele de que a vida tem um propósito e de que Deus nos ama e cuida de cada um de nós. Foi este conhecimento que lhe deu uma razão para viver.

Gary G. Felt, um policial, mora na Ala Bend Norte, Estaca Renton Washington Norte.

O Evangelho Na União Soviética

Giles H. Florence Jr.

***Acima*: Uma nova geração de santos dos últimos dias — crianças da Primária no Ramo de Leningrado.**
***Lado oposto:* Nellie e Aimo Jakko são santos finlandeses típicos, que ajudaram a levar o evangelho aos soviéticos. Com eles, no centro, está Irene Maximova, de Leningrado, no dia em que foi batizada.**

"Deus não existe." Esta mensagem foi dada a toda uma geração na Europa Oriental. Foi declarada incondicionalmente por professores, líderes governamentais e até mesmo pais. Como o ateísmo foi a doutrina oficial de parte da Europa por quase meio século, muitos ficaram imaginando como o povo da União Soviética e de outros lugares similares reagiriam quando o evangelho restaurado lhes fosse pregado.

Mudanças recentes proporcionaram àquele povo tal oportunidade. Orações de fiéis de todo o mundo foram respondidas em grande escala, e nova liberdade religiosa foi subitamente obtida por milhões de pessoas; mas como receberão elas as boas-novas do evangelho?

"Elas estão prontas", declara Aimo Jakko, da Ala Lappenranta, Estaca Helsinki, Finlândia, próximo à fronteira soviética. Aimo e sua mulher, Nellie, estão intimamente relacionados com o início da obra missionária na União Soviética, e são otimistas quanto à aceitação do evangelho por parte do povo soviético.

A CONEXÃO FINLANDESA

Aimo é um fabricante de teares, finlandês, e Nellie, campeã internacional de tênis de mesa. O casal tem cinco filhos.

"Durante anos eu e meu marido tentamos ser bons missionários para nosso próprio povo", diz Nellie, originária da Holanda, "mas não fomos bem sucedidos.

Então, em agosto de 1989, tivemos a oportunidade de fazer uma das coisas de que mais gostamos, ou seja, uma excursão de canoa, com três famílias russas, pelas florestas do leste da Karelia, região do nordeste da União Soviética. Uma das famílias, os Semeonovs, se mostrou interessada em nossos pontos de vista, enquanto conversávamos junto à fogueira, à noite. Em pouco tempo nos tornamos bons amigos. O pai, Andrei, um homem sociável de vinte e tantos anos, mostrou-se especialmente interessado nos valores espirituais e da família, que demonstramos possuir. Desejou que

conhecêssemos seu irmão, Pavel, que mora em Leningrado, para que conversássemos com ele sobre tais valores.

À medida que nos fomos conhecendo melhor", continua Nellie, "ficamos sabendo que Andrei e Pavel eram médicos. Ambos são intelectuais que têm procurado sinceramente a verdade e o entendimento. Andrei se mostrou desejoso de ver-nos de novo, portanto, poucos meses depois da excursão, convidamos ambos, e suas esposas, para visitar-nos na Finlândia."

Andrei, agora presidente do Ramo Vyborg, recorda a *inesquecível* visita. "Antes de conhecer a família Jakko eu só tivera conhecimento do Evangelho de Jesus Cristo pelo cinema, pela televisão e por poucas visitas a igrejas ortodoxas russas. Foi-nos ensinado que o comunismo é a única sociedade justa, mas desde 1985, com a entrada do Presidente Michail Gorbachov, comecei a examinar as coisas. Agora havia encontrado o que procurava.

Em Lappenranta conheci os Élderes Bert Dover e John Webster", continua Andrei, "e senti o Espírito de maneira muito forte. Foi uma verdadeira brecha para mim. Fui para casa e comecei a estudar o Livro de Mórmon, cuja leitura me convenceu de que homem algum poderia ter feito tal obra. Ela era de Deus."

Em março de 1990, Andrei foi batizado. Em agosto batizou sua mulher, Marina, nas águas geladas do Mar Báltico. Pavel e sua família também foram batizados em Leningrado e têm contribuído para o crescimento do ramo. Pavel conta como sua prática da medicina mudou completamente desde que descobriu Deus e a natureza sagrada da vida humana. Andrei, da mesma forma, explica que está agradecido pela renovada força sentida desde que compreendeu que sua vida está vinculada a Deus.

"Da primeira vez que ouvi as doutrinas dos santos dos últimos dias fiquei com medo", diz Andrei. "Os padrões me pareceram muito elevados, e achei impossível vivê-los. Desde aí aprendi que existe uma Fonte de força que nos ajuda a vivê-los. Sinto que fui preparado para aceitar o evangelho quando ele me fosse apresentado."

Lado oposto: **Ao assistirem às reuniões da Igreja com amigos santos dos últimos dias, Yuri e Ludmilla Terebinen se sentiram "intimamente ligados a Deus".** ***Em cima:*** **O Museu Hermitage, de Leningrado, possui cerca de 2 milhões e meio de peças de arte.** ***Embaixo:*** **Tamara Efimov, ficou conhecendo a Igreja por meio de amigos, depois falou do evangelho a sua mãe, Galina, a esquerda, a seu irmão, Pieter, e a seu pai, Viachaslav, que atualmente serve como presidente do Primeiro Ramo de Leningrado.**

Em cima; **Durante os últimos quarenta e cinco anos, as catedrais da União Soviética, como esta, em Leningrado, têm sido usadas como museus, rinques de patinação ou armazéns.** ***Do lado oposto:*** **Valeri Pomazanov, de Leningrado, vinte e três anos, descobriu que a Igreja oferece o "modo de vida que estava procurando". Ele está estudando para ser professor, "para poder ajudar a próxima geração".**

A CONEXÃO HÚNGARA

Da mesma forma que os Semeonovs, outros soviéticos aprenderam o evangelho restaurado com amigos de fora do país. Entre os primeiros a serem batizados encontramos Yuri Terebinen e sua mulher, Ludmilla, de Leningrado. Eles se filiaram à Igreja no outono de 1989, na Hungria, enquanto visitavam amigos. "Fomos para a Igreja com eles", diz Yuri, "e sentimos algo diferente no relacionamento dos santos com Deus e com o próximo. Pareceu-nos certo termos liberdade para nos comunicar diretamente com o Pai Celestial, sem precisar da intercessão de um clérigo profissional. A pessoa é ensinada e ensina; isto faz com que ela se aproxime de Deus.

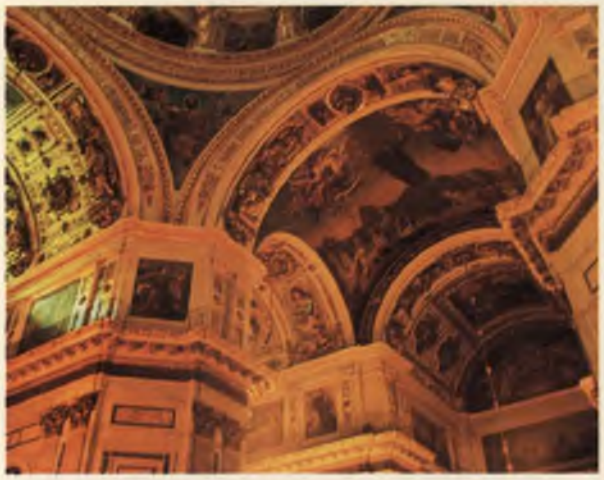
Em minha opinião, os rituais e a linguagem das outras igrejas que eu visitei freqüentemente se interpunham entre mim e Deus. Aqui me senti muito próximo dele, o que também me fez sentir mais próximo das pessoas."

Quando a família Terebinen voltou para Leningrado, depois de batizada, confiou na ajuda dos amigos de Helsinki para entrar em contato com o presidente da missão finlandesa, na ocasião Steven Mecham. O Presidente Mecham e seu conselheiro, Yusi Kempainen, já haviam visitado os membros de Vyborg e Tallinn. Eles visitaram a família Terebinen e outros membros em Leningrado. Em dezembro de 1989, pequenos ramos da Igreja foram abertos nessas três cidades.

Yuri se tornou o primeiro presidente de ramo de Leningrado. Desde aí, o ramo já foi dividido, tendo mais de 160 membros. Atualmente há também um ramo em Moscou.

POR DETRÁS DO PANO

Durante séculos o cristianismo floresceu na Rússia. As catedrais da Igreja Ortodoxa Russa são os edifícios mais coloridos e impressionantes do país, e o povo exercia forte fé em Deus. Naqueles dias, Leningrado ainda era chamada S. Petersburgo ou Petrogrado, mas, nos últimos



***Em cima:* Com a mudança de tempos na União Soviética, está a caminho um programa de renovação que pretende dar às muitas belas catedrais e igrejas seu propósito original. *Embaixo:* O estudante da Universidade de Leningrado, Pavel Agafonov, à esquerda, ficou conhecendo a Igreja quando estudava nos Estados Unidos. Depois de ser batizado, ele falou do evangelho a seus colegas. Seus companheiros de quarto, Vladimir Shestakov e Andrei Chromovskich, tornaram-se membros.**

quarenta e cinco anos, as lindas igrejas, com suas brilhantes cúpulas douradas, imagens sagradas e quadros artísticos foram muito pouco usadas para adoração. Muitas das estruturas foram convertidas em museus, rinques de patinação ou armazéns.

Durante anos os santos dos últimos dias têm orado para que o evangelho restaurado fosse levado a todas as nações do mundo. Portanto, embora a *glasnost*, a nova abertura, possa dar a impressão de ser a causa do reavivamento religioso, parece mais provável que seja a mão do Senhor se movimentando silenciosamente por detrás do pano dos acontecimentos.

No dia 6 de agosto de 1903, o Élder Francis M. Lyman, do Quorum dos Doze, se ajoelhou nos Jardins de Verão, em Leningrado, e dedicou a Rússia para a pregação do evangelho. Novamente, em abril de 1989, o Élder Russell M. Nelson, do Quorum dos Doze, se ajoelhou debaixo de fileiras de altas tílias e carvalhos, no mesmo belo jardim, e orou pedindo as bênçãos do Senhor sobre a União Soviética. O Élder Nelson e o Élder Hans B. Ringger, membro dos Setenta e presidente da Área Européia, continuaram a conversar com oficiais da República Russa, a fim de que a Igreja fosse oficialmente reconhecida.

Desde a primavera de 1990, mesmo antes de ser aberta a Missão Finlândia Helsinki Leste, foi permitida a entrada de missionários na URSS, com visto de curto prazo, como visitantes. Hoje o presidente de missão, Gary L. Browning, que foi professor de línguas eslavas na Universidade Brigham Young, antes do chamado, dirige o trabalho de mais de vinte missionários que falam russo; de seu escritório em Helsinki, cerca de quinhentos quilômetros ao norte, ele visita, quando necessário, os ramos de Leningrado, Tallinn, Vyborg e Moscou.

No dia 19 de setembro de 1990, Evgeni V. Chernetsov, do Conselho sobre Assuntos Religiosos, pertencente ao Conselho de Ministros da União Soviética, informou ao Élder Ringger que havia sido aprovada a oficialização do Ramo de Leningrado. Embora cada ramo tenha de ser registrado individualmente, espera-se que no futuro tais registros sejam rotineiros.

O RAMO DE LENINGRADO

No dia em que visitei o Ramo de Leningrado, antes de sua recente divisão, duas jovens recém-batizadas prestaram emocionante testemunho. Depois o Presidente Browning falou, dizendo que a Igreja se tornou universal, com líderes de muitas nações. "Na Rússia a Igreja ainda é uma criança", disse ele, "mas uma criança que está crescendo rapidamente. Ainda é jovem e está aprendendo. Expressastes fé; agora precisais adicionar a ela o conhecimento. A fé sem conhecimento leva ao fanatismo, e o conhecimento sem fé é frio. Jesus Cristo mostrou, por seu exemplo, que seu amor vem da fé contrabalançada com o conhecimento."

Dentro do pequeno teatro que serve de capela em Leningrado, os membros e visitantes gozam do calor e vibração característicos das congregações dos santos dos últimos dias de todo o mundo. Apertos de mão vigorosos, braços ao redor dos ombros, abraços e expressões verbais de amor quase parecem iluminar o escuro corredor.

Depois da reunião, vários estudantes contaram que conheceram a Igreja por meio de Pavel Agafonov.

Pavel conheceu a Igreja em março de 1990, quando estudava engenharia e psicologia nos Estados Unidos. Ele já visitara muitas outras igrejas e fizera perguntas difíceis. "Nenhuma das igrejas que visitei conseguiu responder às minhas perguntas", explica Pavel. "Eu desejava uma verdadeira igreja, uma que conhecesse Deus hoje."

Ele foi batizado em abril de 1990, depois começou a trazer os amigos. Seus dois companheiros de quarto, Andrei Chromovskich, também estudante de engenharia e psicologia, e Vladimir Shestakov, um jogador semi-profissional de basquetebol e estudante de educação física, também tornaram-se membros. Outro amigo de Pavel, Valeri Pomazanov, que estuda para ser professor, também se filiou à Igreja. Estes jovens concordam que não existe nenhum outro lugar onde possam encontrar tamanha união, tanto emocional como espiritual, como na Igreja.

Roman Batin, um menino de doze anos, foi um dos primeiros diáconos do Ramo de Leningrado. Na escola, ele fala sobre seus amigos americanos, os missionários, aos colegas. Diz que são jovens de grande caráter e que deseja ser como eles, quando crescer.

Elena Stolyar, vinte e seis anos, trabalha num centro cultural para crianças e está-se formando em engenharia eletrônica. O que foi, no evangelho, que a atraiu? "O fato de não ser fácil de ser vivido, e de muito ser esperado de nós. Minha vida está sendo moldada pelos novos valores, novos amigos e pelas novas esperanças que ganhei."

Assim que Liliya Chuprova assistiu a uma reunião da Sociedade de Socorro "soube que era isto o que sempre estive procurando. Venho todos os domingos e trago minhas filhas". Ela e a filha, Alexandria, de nove anos de idade, foram batizadas em agosto de 1990. Liliya é divorciada, tem duas filhas para criar e ajuda a mãe.

Embora alguns dos santos dos últimos dias soviéticos tenham conhecido a Igreja restaurada por meio de pessoas de fora do país, a maior parte do crescimento da Igreja na URSS se deu porque os membros falaram do evangelho com os amigos. Nas reuniões dos ramos de Vyborg, Leningrado e Tallinn, geralmente há mais amigos visitantes do que membros.

Como a maioria dos soviéticos, estes membros receberam desde a infância o ensinamento de que Deus não existe. Imaginem sua alegria ao descobrirem por si mesmos as "boas-novas" — este é o significado da palavra *evangelho* — que Deus não só existe, mas que, como diz Andrei, "nos ama o suficiente para falar conosco, por um profeta, e para enviar seus servos, os missionários".

"Minha vida mudou completamente", diz Andrei. "Continuo na mesma direção, mas mudei completamente meu modo de pensar e de sentir. Este conhecimento do evangelho e a esperança que ele nos dá, mudou minha vida e mudará também a de meus compatriotas que estiverem prontos para recebê-lo."

Giles H. Florence Jr. é editor associado da revista Ensign.

Como Ensinar os Filhos a Prestar Serviço

Meu pai geralmente levava um dos filhos consigo quando compartilhava com os outros o que tínhamos em excesso", conta um portador do sacerdócio, preocupado com a necessidade de prestar serviço. "Ele queria que aprendêssemos desde cedo a reconhecer as necessidades alheias, a compartilhar e servir. Crescemos pensando que é assim que se deve viver."

A cada minuto de nossa vida estamos servindo os outros ou sendo servidos por eles. O que *damos*, em comparação com o que *recebemos*, depende em grande parte do que aprendemos quando jovens.

Certa família tem uma tradição incomum: Sempre que preparam algo gostoso, fazem o suficiente para repartir com alguém que não seja da família. "Atualmente, até os filhos pequenos têm idéia de quem deve ganhar os 'extras'", explica a mãe. "A algo que já era divertido, ou seja, ter algo gostoso para comer, foi adicionada a alegria de repartir."

Que grande sermão é pregado nesta idéia simples! Os filhos que crescem compartilhando "extras", provavelmente não acharão difícil servir os outros quando ficarem mais velhos.

O Salvador foi um líder-servo. Ele ensinou: "E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro será servo de todos" (Marcos 10:44).

Os pais também são líderes-servos. Pais que não são egoístas em seu relacionamento matrimonial, ajudam a desenvolver uma atitude altruísta nos filhos. Assim como o Salvador "por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai" (João 5:19), nossos filhos também precisam de bons exemplos para seguir.

Dar de si mesmo como marido ou mulher é uma forma de mostrar aos filhos como servir.

O MARIDO, pode servir sua mulher —

- ajudando de boa vontade em casa;
- ajudando a cuidar dos filhos;
- dando-lhe uma bênção do sacerdócio em momentos de necessidade especial (ansiedade, estresse, fadiga, doença);
- continuando a cortejá-la depois do casamento;
- conhecendo as responsabilidades dela no trabalho e nos chamados na Igreja;
- ouvindo e discutindo as idéias e preocupações *dela*;
- amando-a.

A MULHER, pode servir seu marido —

- embelezando a casa;
- fazendo com que o lar seja um lugar calmo e organizado;
- continuando a cortejá-lo

depois do casamento;

• conhecendo as responsabilidades dele no trabalho e nos chamados na Igreja;

• sendo sua companheira e melhor amiga;

• ouvindo-o;

• amando-o.

Quando os filhos presenciam o exemplo altruísta dos pais, servindo um ao outro, é bem mais provável que tenham o desejo de achar formas de servir também.

O FILHO pode servir seus pais, irmãos e irmãs —

• sendo responsável no desempenho de suas próprias tarefas e cuidando de suas coisas, para que ainda tenha tempo livre para *oferecer* ajuda;

• evitando queixas quando lhe for pedido que ajude alguém da família, de forma que eles sintam que podem pedir-lhe ajuda novamente;

• vendo por conta própria o que precisa ser feito, e fazendo-o sem que precise ser mandado;

• amando os membros da família.

O próprio Salvador nos deu um modelo de serviço, quando falou em alimentar os famintos, vestir os nus, visitar os doentes e os que estão na prisão, e hospedar o estrangeiro: "Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes." (Vide Mateus 25:40.)

COMO SERVIR A FAMÍLIA

Para as crianças, a palavra *ajudar* pode ser mais fácil de compreender do que *servir*. Elas podem compreender que todos nós precisamos de ajuda às vezes. Até as mães e os pais precisam de ajuda mútua, e da ajuda dos filhos.

São inúmeros os trabalhos que as crianças podem realizar diariamente, tais como ajudar na cozinha, levar recados, cuidar dos irmãos mais novos, arrumar a casa ou ajudar no quintal.

Quando explicamos às crianças desde bem pequenos a importância de ajudar, compartilhar e servir, estamos desenvolvendo nelas uma atitude que haverá de moldar seu modo de ver o mundo.

Ajudar os familiares também dá à criança o forte sentimento de que pertence à família. Os filhos mais velhos, por exemplo, podem ajudar os mais novos a aprender a andar de bicicleta, a jogar bola, a contar, aprender jogos e dedicar-se a algum passatempo. Também podem ajudá-los nos estudos e ler histórias para eles.

Quando a criança está ocupada ajudando, sente-se menos inclinada a pensar só em seus próprios interesses e desejos. Ensinar nossos filhos a "se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros" pode ser o antídoto para brigas e discussões. (Vide Mosiah 4:14-15.)

Como ensinou o Presidente Spencer W. Kimball: "Quando estamos empenhados no serviço ao próximo, não só estamos ajudando-o como passamos a entender melhor nossos próprios problemas... sobra menos tempo para nos preocuparmos conosco mesmos" ("Pequenos Atos de Serviço", *A Liahona*, dezembro de 1976, p. 1).

COMO SERVIR AOS QUE NÃO SÃO DA FAMÍLIA

Um vizinho rabugento se tornou amigo de uma família que preferiu ajudá-lo, ao invés de se deixar ofender por ele. "Sentimo-nos inspirados, como família, a oferecer ajuda ao sr. Sloan", diz o pai. "Levamos-lhe pão feito em casa e lavamos o lado de fora de suas janelas, pois lhe é difícil alcançá-las.

As crianças disseram que nunca o viram sorrir, mas desde aí têm-no visto sorrir bastante. Bobby, de sete anos de idade, recolhe a correspondência do sr. Sloan todos os dias, depois das aulas. Susie, de doze, leva o cão dele para passear em volta da quadra. E Peter, de quinze, corta a grama para ele.

Servindo o sr. Sloan aprendemos a amá-lo, e achamos que ele também aprendeu a nos amar."

O Presidente Kimball ensinou: "Deus sabe de nós e vela por nós, mas geralmente é por meio de outra pessoa mortal que ele atende às

nossas necessidades. Por isso, é vital que sirvamos uns aos outros... Tantas vezes nossos atos de serviço consistem de simples incentivo ou ajuda mundana em coisas mundanas, mas como são gloriosas as conseqüências que podem provir de atos mundanos e pequenos, mas, intencionais!" ("Pequenos Atos de Serviço", *A Liahona*, dezembro de 1976, p. 1.)

Para ajudar, não precisamos esperar até que tenhamos um plano ou projeto elaborado. Muitas vezes as coisas mais simples e óbvias são as mais necessárias, como uma palavra de carinho dita ao telefone ou uma nota de agradecimento enviada pelo correio.

OS MOTIVOS PARA A PRESTAÇÃO DE SERVIÇO, E OS BENEFÍCIOS ADVINDOS

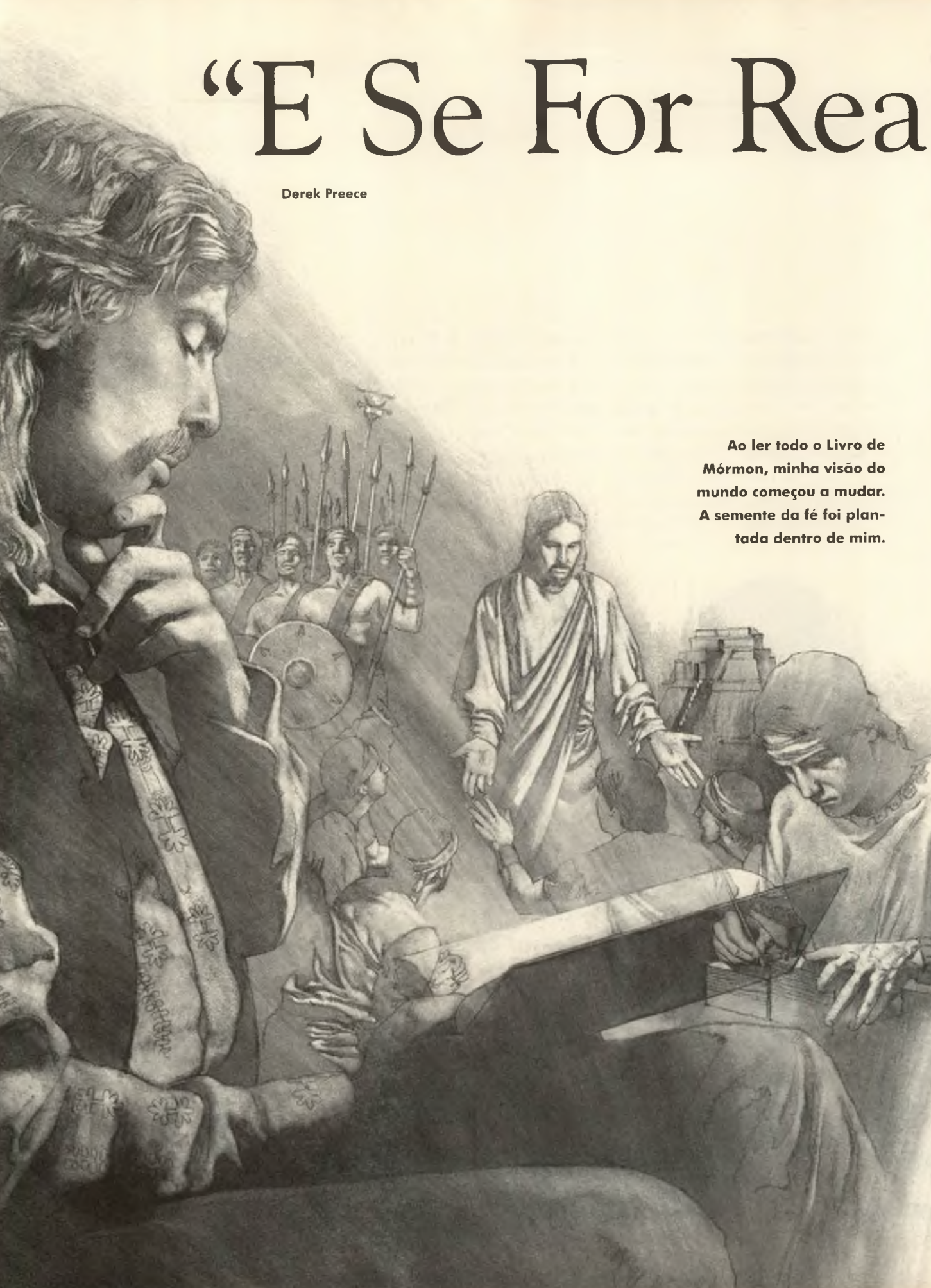
Jesus ensinou que devemos servir uns aos outros sem pensar em receber elogios ou recompensas. Até mesmo as criancinhas podem aprender a fazer as coisas anonimamente. Elas podem sentir prazer em prestar pequenos serviços em segredo, tais como limpar ou engraxar os sapatos domingueiros da família ou arrumar a cama de uma irmã. Se uma criança experimenta o sentimento gostoso resultante disso, começa a procurar outras maneiras de ajudar.

Devemos expressar apreciação genuína e incentivar o filho que serve, sem sermos demasiadamente pródigos nos elogios ou recompensas, pois a tendência, quando o fazemos, é de manipular o comportamento da criança. Isso pode servir de substituto para as recompensas inerentes ao trabalho prestado, que são fazer com que a pessoa se sinta bem. As recompensas especiais ajudam a *corrigir* os problemas das crianças, mas não podemos esperar que as ensinem a *fazer o que é certo pelas razões certas*.

Comece hoje mesmo! Faça, em família, uma lista de maneiras de começar a servir com mais freqüência. Debata como encontrar maior satisfação no serviço que já está sendo prestado.

“E Se For Rea

Derek Preece



Ao ler todo o Livro de Mórmon, minha visão do mundo começou a mudar. A semente da fé foi plantada dentro de mim.

mente Verdade?”

Não me lembro exatamente das palavras que usei quando expus ao bispo minha decisão de não servir como missionário, mas recordo-me muito bem do seu desapontamento e da pergunta que me fez: “Seus pais estão a par de sua decisão?”

É claro que não estavam; e eu não a tinha discutido com ninguém. Quando saí do escritório do bispo naquele dia, pensei: “Ufa, ainda bem que terminou!”

Não foi por não ter-me sido ensinado o evangelho. Nossa família era muito ativa, eu assistia a todas as reuniões, e formei-me no seminário. Tenho certeza de que ninguém tinha dúvida de que eu atenderia ao chamado missionário.

Eu estava morando em casa, freqüentava uma universidade que ficava na vizinhança e estava tentando encontrar trabalho. Com o cabelo comprido, no estilo “hippie”, isso era difícil. Quanto mais longo meu cabelo, maior a tensão entre mim e meu pai. Quando ele ordenou que eu cortasse o cabelo, saí de casa e passei três dias com um amigo. A volta para casa, sem cortar o cabelo, foi o jeito que usei para demonstrar que pretendia fazer o que bem entendesse.

Vários membros da ala me fizeram saber que minha decisão de não atender ao chamado missionário tinha partido o coração de meus pais. Comecei a faltar às reuniões, quando senti que os adultos da ala desaprovavam minha atitude e o comprimento do meu cabelo. (Só muito mais tarde fiquei sabendo que, com freqüência, oravam para que acontecesse algo em minha vida que me ajudasse a me encontrar a mim mesmo.)

Quando ia à igreja, assistia às reuniões do quorum dos élderes, embora ainda não tivesse sido ordenado élder. Num domingo de manhã, o presidente do quorum me disse: “Gostaríamos de chamá-lo como mestre familiar. Aceita o chamado?”

Pego de surpresa, respondi que sim.

“Seu companheiro será Bill Brothers”, continuou ele.

Assim que saí da capela comecei a planejar uma forma de me livrar desse compromisso. Foi aí que Bill se aproximou de mim. Tínhamos mais ou menos a mesma idade, e eu o conhecia desde os tempos de Primária.

“Fiquei sabendo que vamos fazer visitas juntos, não é?” disse ele.

“É, parece que sim”, concordei, sem entusiasmo.

“Por que não mostramos ao pessoal da ala como é que um verdadeiro mestre familiar funciona?” sugeriu Bill.

O desafio me atingiu em cheio. Isso mesmo! Mostraríamos aos homens da ala como devia ser feito o ensino familiar! Haveríamos de fazê-lo melhor do que qualquer um deles, e talvez eu conseguisse pôr fim às críticas dos membros da ala sobre minha atitude e meu cabelo. Decidimos que a primeira coisa que faríamos seria perguntar aos pais das duas famílias que nos foram designadas o que gostariam que ensinássemos a seus familiares.

Bill marcou as visitas. Achei que eles nos pediriam que ensinássemos a seus filhos como se dar bem uns com os outros, ou algum outro tópico básico, mas estava errado.

“Bem, rapazes”, disse o irmão Smith, “nossa família tem tentado ler o Livro de Mórmon, mas, como nossos filhos são muito jovens, às vezes lhes é difícil compreender o que lemos. Acho que seria ótimo se pudessem contar as histórias básicas do livro, em ordem cronológica.”

Quando saímos da casa do irmão Smith, Bill sugeriu

Não foi por não ter-me sido ensinado o evangelho. Nossa família era muito ativa, eu assistia a todas as reuniões, e formei-me no seminário. Tenho certeza de que ninguém tinha dúvida de que eu atenderia ao chamado missionário, mas...

que visitássemos a família mais de uma vez por mês. Bill partiria em missão dentro de três meses e desejava contar todas as histórias do Livro de Mórmon antes de partir.

Bill também sugeriu que começássemos com o livro de Éter, já que era, cronologicamente, o primeiro. Ele contaria a primeira metade do livro e eu, a segunda. Pensei que a designação ia ser fácil, mas logo vi que teria que despender algum tempo me preparando, e concordei sem muito entusiasmo.

Um pouco antes da primeira visita li rapidamente a última parte de Éter, esperando lembrar o suficiente para satisfazer a família, mas, quando a visitamos, sentimos um doce espírito de gentil antecipação, que enchia a sala. Fiquei envergonhado por não ter-me preparado tão bem quanto Bill e saí determinado a me preparar melhor para a próxima visita.

Nos dois meses seguintes li o Livro de Mórmon todo. No começo só lia para poder contar a história à família Smith. Logo, porém, comecei a me perguntar: "E se for realmente verdade?"

Minha visão do mundo começou a mudar, à medida que aprendia princípios eternos com Néfi, Léhi e Jacó. Quando li as orações de Alma em favor de seu filho extraviado, compreendi a preocupação que causei a meus pais. Senti o espírito transmitido por Helamã ao escrever sobre seus jovens e fiéis soldados, e fiquei imaginando se seria tão corajoso quanto eles foram. Li sobre a visita do Salvador e seus ensinamentos. Aprendi que os nefitas foram destruídos por causa de suas iniqüidades. Finalmente li em Morôni que nos encontraríamos no Dia do Julgamento e que o Senhor nos responsabilizaria pelas palavras contidas no Livro de Mórmon. Foi como se Morôni tivesse escrito esta mensagem especificamente para mim.

Subitamente eu soube que o Livro de Mórmon era verdadeiro! A semente da fé foi plantada dentro de mim e cresceu, de forma tal que eu mal conseguia contê-la em meu coração. Eu queria que todos tivessem conhecimento da alegria que senti ao descobrir que o Livro de Mórmon era verdadeiro, que Joseph Smith foi realmente um profeta de Deus, e que os ensinamentos de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias eram certos. Chorei de gratidão por ter recebido esse testemunho.

Dirigi-me à casa do Bispo Toolson e bati à porta. Ele me convidou a entrar e perguntou o que podia fazer por mim. Exteriormente eu não parecia diferente — meu cabelo estava mais comprido que nunca; interiormente, porém, passei por uma poderosa mudança de coração. Falei precipitadamente: "Quero ser missionário!"

O bispo sorriu e convidou-me a entrar. Abriu sua maleta e tirou dela o formulário para recomendação missionária. Estava completamente preenchido, exceto por um espaço, que continha a primeira pergunta, que ele me fez então: "Quando vai partir?"

"O mais depressa possível", respondi. Mal podia esperar! O bispo me explicou que precisava de minha fotografia, com um corte de cabelo apropriado. Assegurei-lhe que cuidaria disso imediatamente.

Recebi o chamado missionário no dia 4 de agosto de 1972. Durante a missão prestei com freqüência solene testemunho de que sabia, por experiência própria, que o Livro de Mórmon é verdadeiro. Aprendi que se incentivamos os outros a estudar o Livro de Mórmon, a orar a respeito e tentar viver segundo seus ensinamentos, eles, também, podem descobrir a veracidade dele. □

Derek Preece mora na Ala Grossmont, Estaca Santee Califórnia.

A Família: Um Centro de Crescimento Espiritual

O Livro de Mórmon fala sobre dois mil jovens admiravelmente fiéis, que lutaram com Helamã pela liberdade. "Nunca antes havia visto tão grande coragem", escreveu Helamã. Ele, então, explica a fonte de tamanha fé: "Eles tinham sido ensinados por suas mães que se não duvidassem Deus os livraria" (Alma 56:45, 47).

O Élder James E. Faust explicou o poder do que aprendemos em casa: "É no lar e com a família que geralmente se adquirem valores, se promovem tradições e estabelecem compromissos com o próximo. E não existem substitutos adequados (para o lar e a família)" (*A Liahona*, julho de 1987, p. 81).

O SENHOR EM PRIMEIRO LUGAR

A família Hurtado — uma viúva com quatro filhos — possui um pequeno armazém no lugar onde moram, na Bolívia. O domingo era o dia de maior movimento. Os missionários ensinaram e batizaram a família toda. Na semana seguinte à do batismo, uma das filhas perguntou à mãe quem ia ficar em casa, cuidando do armazém no domingo. A mãe respondeu que o armazém ia ficar fechado aos domingos, daquele dia em diante. A filha replicou que era o dia de maior movimento, mas a irmã Hurtado permaneceu firme. Posteriormente, suas vendas totais aumentaram.

A filha aprendeu algo, com a

determinação da mãe de seguir os mandamentos. Mais tarde serviu como missionária e, ao ensinar o evangelho, citou com freqüência a decisão materna de ser obediente aos mandamentos. (Vide Sandra Stallings, "Fé para Obedecer", *A Liahona*, abril de 1987.)

As prioridades da família têm significado eterno. O Presidente Ezra Taft Benson perguntou: "Estamos tentando colocar o Senhor em primeiro lugar e procurando agradá-lo?" (Conferência Geral, abril de 1988.)

Como podemos colocar o Senhor em primeiro lugar em nossas famílias?

UM LUGAR PARA CRESCIMENTO ESPIRITUAL

Quando o Senhor está em primeiro lugar em nossa casa, nosso lar se torna um lugar onde nosso espírito pode ser renovado e fortalecido. Foi pedido à irmã Margaret Murdock, da Cidade do Lago Salgado, que desse, na Sociedade de Socorro, uma aula sobre as escrituras. Ao preparar a aula ela começou a compreender que nunca estudara as escrituras o suficiente para fazer com que se tornassem parte constante de seu pensamento. Sem marido, com cinco filhos para criar, e um emprego de muita responsabilidade, ela sabia que necessitava de maior direção.

Atualmente a irmã Murdock estuda as escrituras durante meia hora todas as manhãs e também à noite. E, pela primeira vez, está descobrindo que as palavras do Senhor lhe vêm à mente quando se depara com problemas no trabalho ou na criação dos filhos. "Hoje vejo as pessoas com as quais trabalho como filhos do Pai Celestial, quer sejam religiosas ou não", diz a irmã Murdock. Um de seus colegas de trabalho é muito rude e implicante. "Ele também é filho de Deus", diz a irmã Murdock, "só que ainda não sabe." Por estar encontrando tempo para o Senhor em casa, a irmã Murdock está sentindo mais paz, sejam quais forem as dificuldades que enfrenta.

Nossa família pode ser grande ou pequena, incluir pai e mãe ou só um dos pais. Pode ou não incluir filhos. Sejam quais forem as circunstâncias, porém, todos podemos torná-la um centro de crescimento espiritual.

Que atividades podem ajudar-nos a crescer espiritualmente?

ILUSTRADO POR RON PETERSON

ONDE FICA A IGREJA?

Élder James E. Faust
Do Quorum dos Doze

Há algum tempo eu estava andando no centro da Cidade do Lago Salgado, quando um carro encostou no meio-fio e parou. O motorista me perguntou: "Onde fica a igreja dos mórmons?" Concluí que ele estava pensando em algum lugar ou edifício. Então apontei para o Edifício dos Escritórios da Igreja, o Edifício de Administração da Igreja, nosso magnífico templo, e o histórico tabernáculo, sendo que quase todos podiam ser vistos do lugar onde estávamos. O homem me agradeceu e foi embora.

FICA EM NOSSOS EDIFÍCIOS?

Agora gostaria de fazer-lhes a mesma pergunta: "Onde fica a Igreja?" Em nossas belas capelas, a maioria delas bem cuidadas, limpas e bonitas, e das quais temos boas razões para nos orgulhar? A Igreja não pode ser apenas nossas capelas, pois diversos anos depois de sua organização ainda não havia capelas. Tínhamos apenas um templo. Portanto, se nos fosse perguntado "onde fica a Igreja?" será que responderíamos "nos templos?"

Há poucos anos, numa bela tarde de outono, eu e minha mulher estávamos no Templo de Kirtland, em Ohio. Estávamos no fim do outono e o sol do entardecer brilhava através das antigas e onduladas vidraças feitas a mão. O edifício estava iluminado, bem arejado e era magnífico. Como alguns dos meus ancestrais ajudaram em sua construção, senti-me ao mesmo tempo humilde e honrado por estar sob seu teto. Cercado por suas paredes e preso por sua magia, fiquei encantado com tanta beleza. Fiquei tão impressionado com o edifício, que voltei para a sede da Igreja e disse aos Irmãos que seria maravilhoso se ele ainda pudesse ser usado como um de nossos templos.

Élder Boyd K. Packer corrigiu meu raciocínio, declarando: "Não possuímos o edifício, mas quando nosso povo saiu de lá levou consigo o que era mais importante. Reteve as chaves das ordenanças, os convênios e o poder selador. Preservou todas as coisas essenciais que possuímos atualmente."

Portanto, a Igreja não pode, em si mesma, ser os templos, por magníficos que sejam, porque tais edifícios,

em si, não nos proporcionam bênçãos. Eles são os belos recipientes das pérolas de grande valor neles administradas pelo sacerdócio de Deus.

Graças à mulher maravilhosa que possuo, o Espírito do Senhor tem estado freqüentemente nos vários lares que habitamos. Cada um deles tem sido um lugar santo para mim. Em nossa vida de casados moramos em quartos com banheiros que ficavam no corredor abaixo, e em pequenos apartamentos. Também tivemos três casas. De certo modo, a Igreja esteve presente em cada uma delas, mas eu não gostaria de voltar a viver em nossas antigas casas, embora tenhamos passado muitos momentos felizes nelas. Não é nelas que fica o reino de Deus.

FICA EM NOSSAS FAMÍLIAS?

A Igreja fica, então, em nossas famílias? Agora estamos nos aproximando da resposta correta. De certa forma a família pode promover os ensinamentos do Salvador melhor do que qualquer outra instituição. Em grande parte, a Igreja existe para fortalecer as famílias. Eu gostaria de definir a palavra *família* de maneira mais ampla. Na Igreja temos as famílias tradicionais e as famílias com um só dos pais. Além disso, na Igreja cada membro é considerado, de certa forma, uma família. Possuímos também alas que são como famílias, com o bispo servindo de pai espiritual.

As famílias bem sucedidas geralmente têm um chefe forte e protetor. O ideal é que ele seja portador do sacerdócio, cujo poder e influência são mantidos por meio de "persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido" (D&C 121:41). O sacerdócio é desejável porque quem recebe este poder é abençoado por Deus, mas existem muitas mães, avós e outros que também são chefes de família bem sucedidos e solícitos. O que parece distinguir uma família de sucesso é seus membros continuarem a se importar uns com os outros. Eles não desanimam. Nunca desistem. São unidos e apóiam-se nos tempos trabalhosos, na morte e noutras dificuldades.

Conhecemos uma família numerosa e achegada, que foi muito bem sucedida em conservar-se unida. Quando os pais sentiam que estavam perdendo sua influência para com os adolescentes, pediam ajuda aos primos, para que exercessem boa influência sobre eles.

Eu gostaria de insistir com os outros membros das famílias — avós, tios e tias, sobrinhos, sobrinhas, primos, que se importem e procurem ajudar. Geralmente o que é pedido a avós, tias e tios, é um amor sem reservas, manifestado pelo interesse e pela preocupação. Isso edifica confiança, auto-estima e consciência do valor próprio.

Alguns membros não possuem famílias tradicionais, isto é, com pai, mãe e filhos, o que não é motivo para que deixem de lado as atividades familiares, quando podem promovê-las. Com o ataque cada vez maior das forças que causam a desintegração da família, temos de fazer tudo o que podemos para preservar o que é grandioso e bom nela.

ESTÁ EM NOSSOS CORAÇÕES?

Assim, a família é e sempre deverá ser uma parte importante da Igreja, mas o reino do Senhor na verdade deve ser encontrado em nossos corações, antes de poder estar em outro lugar qualquer. Paulo nos deu a chave quando disse aos Romanos: "E aquele que examina os

corações sabe qual é a intenção do Espírito" (Romanos 8:27). Disse também: "O amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Romanos 5:5).

Na história de Davi, que foi chamado ainda jovem para ser o futuro rei de Israel, aprendemos até que ponto o Senhor julga por aquilo que vai no coração. Lembramos todos que ele enviou o profeta Samuel à casa de Jessé, dizendo: "Dentre os seus filhos me tenho provido de um rei" (I Samuel 16:1). Jessé fez seus sete filhos mais velhos, um a um, desfilar diante de Samuel. Samuel foi instruído pelo Senhor, ao examinar cada um deles, a não atentar "para a sua aparência, nem para a altura da sua estatura,... porque o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração" (I Samuel 16:7). E, assim, os sete filhos passaram diante dele, mas Samuel disse a Jessé: "O Senhor não tem escolhido a estes.

Disse mais Samuel a Jessé: Acabaram-se os mancebos? E disse: Ainda falta o menor, e eis que apascenta as ovelhas. Disse pois Samuel a Jessé: Envia, e manda-o chamar, porquanto não nos assentaremos em roda da mesa até que ele venha aqui.

Então mandou em busca dele e o trouxe (e era ruivo e formoso de semblante e de boa presença): e disse o Senhor: Levanta-te, e unge-o, porque este mesmo é.

Então Samuel tomou o vaso do azeite, e ungiu-o no meio dos seus irmãos: e desde aquele dia em diante o espírito do Senhor se apoderou de Davi" (I Samuel 16:10-13).

Como Daniel, na antigüidade, o que fazemos ou deixamos de fazer nesta vida tem origem em nossos corações. Daniel, na corte de Nabucodonosor, o grande rei da Babilônia que havia capturado Jerusalém, "assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia" (Daniel 1:8). E desde aí Daniel permaneceu firme em sua resolução, que lhe rendeu as mais altas honras, tanto celestiais como terrenas.

Willard Richards deixou transparecer sua grandeza de coração pouco antes do martírio do Profeta Joseph Smith. Joseph disse ao Irmão Richards: "Se formos para a cela, irás conosco?"

Élder Richards replicou: "Irmão Joseph, não me pediste que cruzasse o rio contigo — não me pediste que viesse a Carthage — não me pediste tampouco que viesse à cadeia. — Pensas, então, que eu haveria de abandonar-te agora? Façamos um acordo: Se fores condenado à forca por traição, eu irei e serei enforcado em teu lugar, para que fiques livre."

O Profeta retrucou: "Mas não podes fazê-lo."

Élder Richards disse: "Eu o farei" (*Meu Reino Avançará*, p. 48).

Alma nos ensina a necessidade de plantarmos a boa semente da fé em nossos corações:

"Comparemos, pois, a palavra a uma semente. Se derdes lugar em vossos corações para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira ou

boa, e não a rechaçardes por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, ela começará a germinar em vosso peito; e quando lhe sentirdes os efeitos começareis a dizer a vós mesmos: Deve realmente ser uma boa semente, ou uma boa palavra, porque começa a dilatar a minha alma e a iluminar o meu entendimento; sim, começa a ser-me deliciosa" (Alma 32:28).

A revelação chega à nossa mente, mas também aos nossos corações. Numa revelação a Oliver Cowdery, em Doutrina e Convênios, seção 8, o Senhor declara: "Sim, eis que eu falarei à tua mente e ao teu coração" (vers. 2). Para mim é muito interessante saber que o lugar de habitação do Espírito Santo seja o coração.

E se o Senhor aparecesse a cada um de nós, como fez com Salomão, e dissesse: "Pede o que quiseres que te dê." O que responderíamos? Será que pediríamos um carro novo? Ou uma casa nova? Uma bênção de saúde talvez? Ou certo tempo de vida? Salomão não pediu nada disso. Não pediu fama nem fortuna. Ele pediu: "A teu servo pois dá um coração entendido." Esta resposta agradou ao Senhor.

"E disse-lhe Deus: Porquanto pediste esta cousa, e não pediste para ti riquezas, nem pediste a vida de teus inimigos: mas pediste para ti entendimento, para ouvir causas de juízo;

Eis que fiz segundo as tuas palavras: eis que te dei um coração tão sábio e entendido, que antes de ti teu igual não houve, e depois de ti teu igual se não levantará.

E também até o que não pediste te dei, assim riquezas como glória: que não haja teu igual entre os reis, por todos os teus dias" (I Reis 3:5,9,11-13).

Doutrina e Convênios, seção 64, nos diz em termos fortes quem tem direitos sobre nossos corações: "eu, o Senhor, exijo os corações dos filhos dos homens" (D&C 64:22).

Portanto, quando o homem que estava no carro me perguntou: "Onde fica a igreja dos mórmons?" como é que eu deveria responder? Isso me tem preocupado desde aquele tempo. Se eu tivesse apontado para o meu peito e dito que ela deveria em primeiro lugar estar no meu coração, o visitante certamente teria ido embora desnorteado. Eu, porém, teria dado uma informação mais acurada do que lhe mostrando as altas torres de nosso amado e magnífico templo; a grandiosa e majestosa cúpula do tabernáculo; e os outros mundialmente famosos monumentos e edifícios, por mais maravilhosos e incomuns que sejam. Eu estaria dando a resposta correta, pois o Senhor declarou: "O reino de Deus não vem com aparência exterior.

Nem dirão: Ei-lo aqui, ou, Ei-lo ali; porque eis que o reino de Deus está entre vós" (Lucas 17:20-21).

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias está em nossos corações, e quando está em nossos corações como indivíduos, também estará em nossos belos edifícios de adoração, em nossas grandes instituições educacionais, em nossos magníficos templos, e em nossos lares e famílias.

Paulo orou para que Cristo habite pela fé em nossos corações. (Vide Efésios 3:14-19.) Esta também é a minha oração. Sinto-me como Pedro, quando alguns dos santos antigos começaram a se desviar, preocupando o Salvador. O Mestre disse aos Doze: "Quereis vós também retirar-vos?" Pedro, respondendo pelos Doze, disse: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens as palavras da vida eterna.

E nós temos crido e conhecido que tu és o Cristo, o Filho de Deus" (João 6:67-69).

UMA VIDA NOVA PARA A IRM

Jay R. Lyman

Quando fui designado mestre familiar de uma irmã a quem darei o nome de Ruth Elliott, ela era nova na ala. Quis saber um pouco sobre sua vida antes de visitá-la pela primeira vez, e por isso conversei com seu antigo bispo, com a filha dela que morava noutra ala e com outras pessoas que a conheciam.

A irmã Elliott vivia sozinha num pequeno apartamento, onde havia uma poltrona quebrada. Ela passava a maior parte do tempo nessa poltrona, ou na cama. Raramente saía do apartamento e não tinha interesse algum fora.

A irmã Elliott fumava e era extremamente dependente de remédios. No decorrer dos anos, os médicos lhe haviam prescrito determinados remédios, e ela continuara tomando muitos deles. Sua aparência, maneiras e conversação refletiam uma atitude amarga para com a vida e as circunstâncias que a cercavam. Nutria um profundo ressentimento contra o pai e outras pessoas, e um incidente infeliz com um membro da Igreja fez com que se sentisse profundamente ferida. Orei fervorosamente para saber como melhor servir esta mulher atribulada.

Logo depois que fui chamado como seu mestre familiar, apareceu-me uma oportunidade. A dona do prédio queria pintar o apartamento e pedira à irmã Elliott que pusesse os móveis para fora, a fim de que o serviço pudesse ser feito. Eu e nosso líder do grupo de sumos sacerdotes da ala tiramos os móveis e pusemo-los de volta, depois da pintura.

Certa vez, quando a irmã Elliott estava fora da cidade, eu e minha mulher, Virgínia, decidimos consertar a poltrona quebrada. A armação estava boa, mas o estofamento e a cobertura precisavam ser trocados. Virgínia fez um excelente trabalho e a poltrona estava de volta no apartamento antes que a irmã Elliott voltasse de viagem.

Eu e meu companheiro júnior visitamos a irmã Elliott regularmente, e também a visitei com freqüência com Virgínia, para falar do evangelho e oferecer uma oração. Gradualmente ela começou a aceitar e retribuir nossa amizade, e passamos a nos envolver de perto na vida um do outro.

Numa primavera, quando a irmã Elliott se preparava para uma cirurgia, eu e minha mulher passamos muitas horas com ela. Nós mantínhamos contato diário, a levávamos à Igreja, ao consultório médico e ao armazém, e ela nos telefonava todas as noites, antes de dormir. Sentia-se solitária e precisava de alguém que a escutasse.

Estávamos fora da cidade quando a irmã Elliott foi operada, mas telefonamos para ela no hospital e a animamos com palavras de incentivo. Havia recebido uma bênção do sacerdócio e sentia que o Senhor haveria de velar por ela. Depois da operação decidiu parar de fumar. Seu neto, antes de sair em missão, pediu-lhe que abandonasse o hábito. Ela conseguiu abandoná-lo graças à ajuda do Senhor e ao seu forte desejo de agradar o neto.

Com o passar dos meses a irmã Elliott fez novas amizades e começou a sair mais de casa. Sua freqüência à Igreja melhorou e começou a pagar o dízimo. No início não queria comparecer à entrevista de acerto de dízimo, mas pedi-lhe que estivesse pronta quando eu passasse para levá-la à capela. Depois da entrevista irradiava felicidade. Pagou dízimo integralmente pela primeira vez na vida.

Atualmente sua atitude para com a vida mudou radicalmente. A amargura sumiu, substituída por

Ã ELLIOTT

um espírito humilde e contrito. Perdoou aqueles que a haviam ofendido e, ao demonstrar maior tolerância e amor pelos filhos, a atitude e comportamento deles para com ela foi mudando gradualmente.

A irmã Elliott mudou-se para um novo apartamento, mobiliou-o de maneira atraente e ganhou mais amigos. Um novo médico auxiliou-a a sobrepujar a dependência de remédios e ela aprendeu a confiar no Senhor e em sua própria força para resolver seus problemas.

As bênçãos recebidas pela "nova" irmã Elliott foram muitas, incluindo participação nas cerimônias sagradas do templo, com a família e amigos. Sou profundamente grato pela oportunidade que tive de servi-la como mestre familiar. Na verdade, sempre amei a "antiga" irmã Elliott tanto quanto a "nova", mas agora não preciso sentir-me triste por causa da existência melancólica que ela levava. Hoje sua vida é plena e agradável, enriquecida pelas bênçãos da vivência do evangelho. □

Jay R. Lyman, professor, é patriarca da Estaca Chico Califórnia.

FOTOGRAFIA DE DON THORPE

A TERRA DE JESUS

Parte 2

Na edição de setembro de 1991 apresentamos fotografias de lugares onde Jesus viveu, desde o nascimento até o início de seu ministério na Galiléia. Neste número mostraremos outros lugares importantes na vida — e morte de Jesus.

Por exemplo, a estrada para a cidade de Jericó (*à esquerda*), citada no Novo Testamento, foi o cenário da parábola do bom samaritano, contada por Jesus.

Jesus estava familiarizado com a estrada e com a cidade, pois Lucas diz-nos que "tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando.

E eis que havia ali um varão chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos, e era rico.

E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura.

E, correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali.

E, quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa.

E, apressando-se, desceu, e recebeu-o gostoso" (Lucas 19:1-6).

FOTOGRAFIA DE DON THORPE

FOTOGRAFIA DE WILLIAM A. SHAFFERMEYER

FOTOGRAFIA DE WILLIAM FLOYD HOLDMAN

Elevando-se acima do Vale de Jezreel, na baixa Galiléia, o Monte Tabor (*à esquerda*), pode ter sido o lugar da transfiguração de Cristo. Adapta-se à descrição de Mateus: "...e os conduziu em particular a um alto monte." (Vide Mateus 17:1-2.)

Tendo visitado este monte, em 1979, o Presidente Spencer W. Kimball disse: "Sinto que pode ter sido para este lugar, este 'alto monte', que Jesus conduziu em particular seus três discípulos, Pedro, Tiago e João, concedendo-lhes determinadas bênçãos."

Jesus freqüentemente admoestava seus discípulos a desenvolverem a fé e confiança de um menino (*acima*). Em certa ocasião ele exclamou: "Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mateus 18:3).

Durante séculos o óleo de oliva foi usado para ordenações, curas, como base para perfumes e iluminação. Nos dias bíblicos o óleo era extraído esmagando-se as azeitonas com uma roda de pedra giratória, numa prensa semelhante a esta, encontrada em Capernaum (*embaixo*).

FOTOGRAFIA DE WILLIAM FLORO HOLDMAN

Os espinhos e abrolhos (*em cima*), tão comuns na Terra Santa atualmente, eram bem conhecidos no tempo do Salvador. Ele se referiu a eles em seus ensinos (vide Mateus 7:16; 13:7), e viria a sofrer a dor e ultraje de ter uma coroa de espinhos na cabeça (vide Mateus 27:29).

Antes de seu pretenso julgamento Jesus havia ido ao Monte das Oliveiras, "a um lugar chamado Getsêmani", onde "pondo-se de joelhos orava... E o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão". (Vide Mateus 26:36; Lucas 22:41, 44.) O verdadeiro lugar da Expiação não é conhecido, mas a tradição o identifica com um jardim de oliveiras (*em baixo*), localizado a aproximadamente 230 metros do muro leste de Jerusalém.

Depois do julgamento Jesus foi levado "ao lugar do Gólgota, que se traduz por lugar da Caveira... e o crucificaram" (Marcos 15:22, 25). O lugar tradicional da crucificação de Jesus é este monte cheio de pedras (*à direita*), localizado ao norte da cidade velha de Jerusalém.

FOTOGRAFIA DE DON THORPE

"E havia um horto naquele lugar onde fora crucificado (Jesus), e no horto um sepulcro novo, em que ainda ninguém havia sido posto. Ali pois... puseram a Jesus" (João 19:41-42).

A tradicional Tumba do Horto (*lado oposto*) está localizada imediatamente a oeste do Gólgota. Talhada na rocha, a tumba se compõe de duas pequenas câmaras —uma na qual os parentes podiam reunir-se para chorar, e outra na qual era cortada uma "cama", onde depositavam o corpo.

A entrada dessas tumbas era selada com uma grande "roda" de pedra, rolada até o lugar e encaixada num sulco feito no chão. Foi a pedra em frente da tumba de Jesus que os principais sacerdotes pediram que fosse selada.

"Reuniram-se os príncipes dos sacerdotes e os fariseus em casa de Pilatos. Dizendo: Senhor,... Manda... que o sepulcro seja guardado com segurança até o terceiro dia, não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos... E disse-lhes Pilatos: Tendes a guarda; ide, guardai-o como entenderdes. E, indo eles, seguraram o sepulcro com a guarda, selando a pedra" (Mateus 27:62-66).

"E, passado o sábado, Maria Madalena, e Maria, mãe de Tiago, e Salomé, compraram aromas para irem ungi-lo... E diziam umas às outras: Quem nos revolverá a pedra da porta do sepulcro? E, olhando, viram que já a pedra estava revolvida; e era ela muito grande" (Marcos 16:1, 3-4).

"E, entrando, não acharam o corpo do Senhor Jesus. E aconteceu que, estando elas perplexas a esse respeito, eis que pararam junto delas dois varões, com vestidos resplandecentes. E, estando elas muito atemorizadas, e abaixando o rosto para o chão, eles lhes disseram: Por que buscais o vivente entre os mortos? Não está aqui, mas ressuscitou" (Lucas 24:3-6).

A pedra que devia selar o corpo mortal de Jesus na tumba foi rolada e tornou-se um símbolo inesquecível da ressurreição do Salvador.

ALGUÉM PARA QUEM OLHAR COM ADMIRAÇÃO

Janet Thomas

Shawn Bradley, para começar, é alto. Não alto como as pessoas altas em geral.

Shawn é, literalmente, a pessoa mais alta que a maioria das pessoas jamais viram. Sua altura deixa a gente atordoada.

É, porém, mais do que um jogador de basquetebol de 2,26m de altura, calouro universitário. A preocupação honesta que nutre pelos outros e sua atitude maravilhosa para com a vida sugerem uma grandeza interior equivalente à exterior. Antes de tudo, no entanto, antes que alguém possa começar a contemplar o que lhe vai na alma, o que sobressai nele é a sua altura.

"Eu intimido as pessoas por causa da minha altura", declara Shawn, como a pedir desculpas. "É muito engraçado ver como as pessoas reagem quando me vêem."

"É mesmo", adiciona Justin, irmão de Shawn, com treze anos e 1,87m de altura. "Quando vemos outro sujeito alto, não o achamos tão alto assim."

Descansando numa confortável poltrona, na sala da casa dos pais, Shawn não parece tão extraordinariamente alto, mas, quando se levanta, o teto, com sua altura normal de 2,40m, parece encolher. "Tenho que me abaixar cada vez que cruzo uma porta nesta casa. Ela foi contruída há 10 anos e meus pais nem imaginavam que eu poderia ficar tão alto."

Os vãos das portas são um problema, quando Shawn esquece de se abaixar. Ele e Justin às vezes brincam de lutar e correr um atrás do outro, como os irmãos costumam fazer. "Quando começo a perseguir o Justin, de vez em quando esqueço que estou dentro de casa", diz Shawn. "E então, bumba! Bato com a cabeça no batente da porta e caio duro no chão. Quase chego a ficar inconsciente."

A mãe de Shawn, Theresa, fala sobre alguns arranjos que tiveram que fazer em casa. "Tivemos que aumentar a altura de nosso espelho no banheiro, por causa de Shawn. Também tivemos que encomendar uma cama de 2,40m de comprimento para ele. Ele adora voltar para casa e dormir em sua própria cama, depois de viajar com a equipe de basquetebol e dormir nas camas dos hotéis."

"Tenho que dormir no chão, quando estou viajando", diz Shawn.

Os amigos e familiares estão completamente acostumados com a altura de Shawn, mas acham divertido sair com ele e ver a reação dos outros.

"Minha família me trata muito mal quando saímos para fazer compras", diz Shawn, brincando. Justin e as irmãs, Tasha, 15, e Adriana, 9, começam a rir, pois já sabem o que é que ele vai dizer. "Saímos todos juntos, minha família e meus amigos, e então eu olho em volta e não vejo ninguém. Viro-me e lá estão eles, seis a oito metros atrás, vendo todo o mundo a me olhar. Eu lhes

FOTOGRAFIA DE PEGGY JEULINGHOUSEN

digo: "Muito obrigado, vocês são mesmo muito gentis."

Tasha acrescenta: "Você nem imagina como ele chama a atenção."

Será que ele não se cansa de causar tamanha sensação cada vez que vai a algum lugar?

"Às vezes ele se aborrece, mas em geral adora!" diz Corinne Pugmire, uma das melhores amigas de Shawn, colega de escola. "Ele não trocaria essa experiência por nada, e é o primeiro a admitir isso."

"Eu gosto de ser alto", diz Shawn. "Na verdade, às vezes fico cansado de tanto ver as pessoas me olharem e dizerem coisas, mas tento apresentar-me de maneira boa e digna, por minha fé e por minha família. Eu sou o que sou. Tenho 2,26m de altura e nada vai mudar isso. Tenho que viver com isso da melhor forma possível. Minha família e meu treinador me ensinaram a ver as coisas de maneira positiva. "Tire o máximo proveito da situação, é a máxima que sigo. Procure o melhor em tudo. É isto o que tenho tentado fazer, e o que desejo fazer sempre."

É o tipo de atitude que levaria qualquer um a sobressair-se em meio à multidão. Shawn dá a seus pais o crédito de poder ver as coisas de maneira positiva.

Theresa e Reiner Bradley se conheceram no hospital. Ela estava visitando uma amiga, e ele, trabalhando para pagar a universidade, como enfermeiro. Theresa lembra que pensou, quando Reiner entrou no quarto da amiga: "Puxa que rapaz alto!" Como media, ela mesma, 1,82m o assunto lhe dizia respeito. Reiner tem dois metros. "Ele memorizou o número do meu telefone quando eu o dei para minha amiga e me telefonou", diz Thereza. Casaram-se um ano mais tarde. Foi quando o casal estava na Alemanha, a serviço do exército, que Shawn nasceu. Depois de terminar seus estudos como técnico de laboratório, Reiner levou sua jovem família de volta para a cidade natal de Theresa, Castle Dale, Utah. Eles desejavam a atmosfera de uma cidade pequena para a criação de seus filhos.

"Eu queria que meus filhos tivessem interesses e habilidades várias", diz Theresa. "Queria que participassem de muitas e diferentes atividades, para que, quando chegasse a hora de escolherem o que desejavam ser na vida, tivessem uma vasta experiência. É o que está acontecendo. Meus filhos estão envolvidos em muitas coisas, até demais. Possuímos animais, e eles podem, de certa forma, aprender a trabalhar, desempenhando as tarefas que lhes são dadas."

"'De certa forma', não", interrompeu Shawn. "Nós fazemos as tarefas que nos são dadas. Eu gosto da maioria delas, mas o pior é no meio do inverno, quando neva e o curral está em desordem. A vaca leiteira fica molhada e suja, e a gente tem que sair e tirar o leite dela às seis horas da manhã, com a temperatura abaixo de zero. É a pior tarefa do mundo."

Há manhãs em que Shawn talvez tenha que enfrentar a vaca sozinho, na estrebaria gelada, mas em tudo o mais a família lhe oferece incentivo e amor. "Sempre estamos lá para apoiá-lo", diz Reiner, não para empurrá-lo. Não creio que ele já se tenha sentido pressionado a praticar qualquer esporte."

Shawn adora jogar basquetebol e também jogou futebol americano na escola, até que sentiu que não podia arriscar-se a se machucar. Também pertenceu à equipe de golfe da escola, embora se apresse em dizer que, quando a equipe de oito membros foi organizada, só sete fizeram teste. "Eles tinham que me deixar na equipe." Ele gosta de andar a cavalo e de praticar

alpinismo e esqui aquático com os amigos.

"Reiner gosta muito de atletismo", diz Theresa, "e eu também. Quando Shawn nasceu, no dia em que cheguei com ele em casa, meu marido havia posto uma bola de basquete em seu berço. Foi a primeira coisa que ele viu."

Shawn ri e encolhe os ombros, dizendo: "Eu não tive escolha!"

"Soubemos logo que Shawn seria um bom jogador de basquetebol", declara Reiner. "Eu jogava bem cedo, de manhã, com alguns membros da ala, no centro da estaca. Perguntei a Shaw se ele gostaria de ir junto. Ele ia comigo muitas vezes e jogava com os adultos, com apenas onze ou doze anos de idade."

Foi na adolescência que Shawn venceu o pai numa competição de basquetebol só entre os dois. "Não sei exatamente quando foi que isso aconteceu. Eu não gostava de perder para meu pai, então, às vezes ele me deixava ganhar, por isso nunca fiquei sabendo quando foi que consegui vencê-lo de verdade."

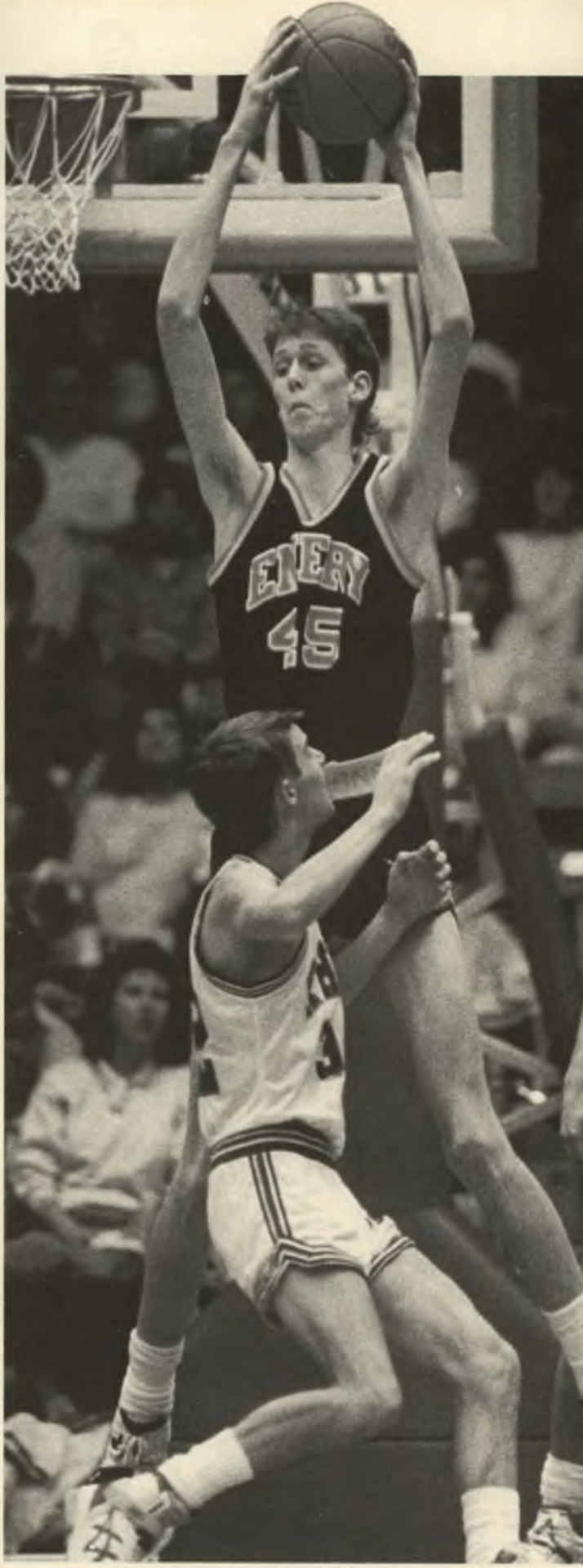
Mas Shawn não é tão bonzinho com seu irmão mais novo, Justin. Será que Justin gostaria de vencer o irmão mais velho? Ele responde depressa que sim.

Theresa exclama: "Essa é a meta principal de Justin."

Shawn murmura entre dentes: "Isso nunca vai acontecer. Não deixarei que ele me vença, mas, se vencer, vai-se haver comigo."

Naturalmente a perícia de Shawn no basquetebol não tem passado despercebida. Ele tem atraído a atenção nacional desde que estava no início do segundo grau. A capacidade de sua família, de ver o lado positivo das coisas, foi de grande ajuda quando os recrutadores universitários visitaram Castle Dale na tentativa de persuadir Shawn a estudar em suas universidades. O pai de Shawn, Reiner, diz: "Foi-nos dito que o processo de recrutamento poderia tornar-se desagradável. Reunimo-nos em família e decidimos que não deixaríamos que isso acontecesse. Enfrentaríamos tudo de maneira positiva e tiraríamos proveito da situação. Foi uma experiência inacreditável, muito apreciada pela família."

Desde o início do processo de recrutamento Shawn expunha claramente uma de suas exigências, e se as escolas não concordavam com ela, não havia o que



FOTOGRAFIA CEDIDA POR CORTESIA DA REVISTA DESERET NEWS

FOTOGRAFIA DE JANET THOMAS

pensar. Era que, tão logo completasse dezenove anos, se ausentaria por dois anos, para cumprir missão. Este foi um ponto não negociável. Todas as universidades que conversaram com Shawn concordaram. A família apoiou a decisão do filho na seleção da universidade. Theresa confessa ter ficado muito contente quando ele preferiu a Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, que dista duas horas de carro de sua casa.

Como acontece com muitos missionários em perspectiva, Shawn pensou em alguns lugares nos quais gostaria de servir como missionário. "Vou para qualquer lugar", diz ele. A mãe adiciona: "Esperamos que vá para um lugar que alimente muito bem os missionários, para que possa ganhar peso."

E isso traz à tona o assunto alimentação. Shawn é muito magro para a sua altura. Ele pesa noventa e cinco quilos e está tentando engordar. "Como tudo o que me cai nas mãos", explica. "Minha fome é constante. Posso comer sem parar, mas dificilmente ganho peso."

Entretanto, servir como missionário é mais do que viver e comer em outro lugar. É ensinar aos outros suas crenças mais profundas. Shawn já teve algumas experiências que o prepararam para ensinar o evangelho.

Aos quinze anos de idade ele e um amigo participaram de um acampamento de treinamento de basquetebol nacional, com 120 dos melhores jogadores, alunos de segundo grau, dos Estados Unidos. Um novo amigo, falando com os dois jogadores de Utah, mostrou ter alguns conceitos errôneos sobre os mórmons.

"Ele me perguntou: 'Tem mórmons no lugar de onde vocês vêm, não é? Vocês já os viram? Vivem perto deles?'

Eu respondi: 'Sim, nós vamos para a escola junto com eles. Vemo-los o tempo todo. Os mórmons são iguaizinhos a nós. São pessoas normais e se parecem conosco. Vestem-se como nós. Agem como nós. Falam como nós.'

O rapaz só acreditou depois que eu disse: 'Posso provar que os mórmons são pessoas normais.' Ele perguntou como, e eu respondi: 'Somos ambos mórmons.' Nosso amigo ficou perplexo. Poucos dias mais tarde começou a fazer mais perguntas sobre a Igreja e nossos ideais. Não podia acreditar que praticávamos a lei da castidade, e que não bebíamos álcool nem fumávamos. Tivemos uma discussão muito séria para jovens de quinze anos de idade.

Foi naquela viagem que tive a primeira oportunidade de contar a história de Joseph Smith. Perguntei então a mim mesmo o quanto realmente sabia. Não me senti satisfeito comigo ao explicar minhas crenças. Acabei por prestar testemunho. Esta é a melhor arma missionária que existe. Eu não conseguia descobrir uma forma de explicar tudo o que sabia, mas sabia que era verdade. Saber que algo é realmente verdadeiro é um sentimento maravilhoso."

Cada dia que passa Shawn fala mais e mais sobre a Igreja. Além de dar entrevistas na televisão, em âmbito nacional, despende algum tempo apresentando-se em serões domingueiros. Sua amiga, Corinne Pugmire, diz que as pessoas podem sentir o testemunho dele. "Quando ele fala, nunca tem que reconsiderar o que disse sobre a Igreja. Podemos ver que não está procurando impressionar as pessoas. Sem dúvida nenhuma possui um testemunho forte; defende firmemente o que acredita, não retrocedendo um só passo."

Os amigos significam muito para Shawn. Ele gostaria de poder confiar em todas as pessoas, mas já encontrou aqueles que só querem tirar vantagem dele. "Bem lá no fundo, posso perceber seus motivos. Eu sei quando as pessoas desejam conhecer-me por aquilo que sou e não

por quem sou. Acho que é o Espírito Santo me dizendo: 'Tome cuidado.' "

"As pessoas perguntam se ele é convencido", diz Corinne. "Não, de forma alguma. É muito simples e nunca faz com que sintam que se acha melhor que os outros. Está sempre pronto a pedir desculpa se faz algo errado."

Em sua ala, o bispo Scott Johansen declara: "Ele é calmo, amigável e tem muita consideração para com os outros. Esforça-se por animar as pessoas e seria um jovem admirável, mesmo que não fosse tão alto."

Quando foi pedido ao seu amigo, Bill Wright, que lembrasse alguém a quem Shawn tivesse ajudado, Bill não precisou de mais que um segundo para responder: "Ele ajudou-me. É incrivelmente prestativo e põe as necessidades alheias sempre à frente das suas. Minha mãe faleceu há dois anos, e ele foi o único amigo a assistir ao funeral. Nunca esquecerei isso. Shawn foi tão amável e pensou tanto em mim! Está sempre pronto a me ajudar, quando estou na pior."

Quando lhe perguntam que conselho daria aos jovens, Shawn diz: "Fico aborrecido quando encontro pessoas que não têm opinião positiva de si mesmas. As pessoas precisam ter auto-estima. Se eu tivesse que aconselhar alguém, em qualquer lugar, dir-lhe-ia que devemos pensar em nós mesmos da forma como o Senhor gostaria que pensássemos, ou seja, como um de seus filhos." Talvez isto seja parte do segredo de Shawn, do motivo por que ele trata os outros com tanta bondade e cortesia.

E sua habilidade de ver o lado bom das coisas tem algo a ver com sua escritura favorita, 2 Néfi 2:11: "É aquela que fala da necessidade de oposição em todas as coisas", declara Shawn. "Se algo sai errado, eu digo para mim mesmo que é preciso haver oposição em todas as coisas. Ali está a oposição. Tenho que deixá-la de lado e seguir em frente."

Shawn aprendeu a incorporar as verdades do evangelho à sua vida, deixando que elas lhe guiem as ações e decisões. É assim que ele continua a crescer.

Sim, Shawn Bradley é alto, e não há dúvida que temos que olhar para ele com admiração. □

Shawn já recebeu o chamado missionário. Atualmente está servindo na Missão Sydney Austrália.

YUKIO E JUNKO FUJITAKE

Uma Abordagem Incomum

Jim Matsumori

Quando pensamos em ferramentas missionárias, talvez agulhas de tricô, equipamento para afiar facas ou um extenso conhecimento do budismo não sejam coisas que nos venham à mente, mas, são exatamente essas as armas que Yukio e Junko Fujitake usam para tocar corações e trazer almas a Cristo.

Yukio Fujitake e sua mulher, Junko, de Ube, Yamaguchi, Japão, eram budistas, antes de se batizarem na Igreja, em 1973. Desde aí, têm servido no Ramo Ube e ajudado no seu crescimento. O irmão Fujitake serviu como presidente do ramo, sumo conselheiro e conselheiro na presidência da missão da estaca. A irmã Fujitake serviu como presidente da Sociedade de Socorro e da Primária, e como encarregada do programa dos adultos solteiros jovens.

Em julho de 1987, o irmão Fujitake fechou seu negócio e entrou com a mulher na Missão Japão Tóquio Sul, tornando-se o único casal nativo servindo no Japão.

Usando uma abordagem bastante incomum, os Fujitakes serviram de instrumento para vinte batismos e para a reativação de vinte membros menos ativos. Eles conseguiam entrar nas casas, oferecendo-se para afiar de graça as facas de cozinha da família. Depois de afiar as facas e de fazer amizade, o irmão Fujitake voltava para reafiá-las ou fazer brinquedos para as crianças, enquanto a irmã Fujitake tricotava blusas para os membros da família. Enquanto trabalhavam, falavam do evangelho.

Com esta combinação de amizade e serviço, muitas pessoas foram tocadas pelo Espírito e aprenderam sobre a Igreja. Sempre que eram transferidos, o irmão Fujitake realizava benfeitorias no apartamento onde deveriam morar, consertando portas ou janelas quebradas, instalando armários, prateleiras e cabides. A irmã Fujitake também cooperava com algum tipo de serviço, tal como confeccionar caramelos, que empacotava artisticamente.

O budismo é a religião dominante no Japão, e como Yukio e Junko o conheciam muito bem, podiam compreender melhor as pessoas que ensinavam. Também compartilhavam seus pontos de vista e método de ensino com os missionários da missão. Alcançaram tanto sucesso, que os líderes de todas as estacas da missão desejavam que trabalhassem em suas áreas.

De volta de sua missão de tempo integral, o irmão Fujitake é o presidente da missão do Distrito Okayama Yamaguchi, e a irmã Fujitake é a presidente da Sociedade de Socorro do distrito.

Jim Matsumori é ex-presidente da Missão Japão Tóquio Sul.

O Portão Dourado, em Jerusalém

Construído no século sete, no local tradicional da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (vide Mateus 21:8-11), o Portão Dourado, ou do Leste, está selado desde 1530. Muitos acreditam que será aberto novamente quando Jesus entrar na cidade, por ocasião de sua segunda vinda. (Vide Ezequiel 44:1-3.)

Assim como as catedrais e igrejas da União Soviética passam por um período de renovação, o evangelho restaurado também oferece um novo modo de vida ao povo. Vide "O Evangelho na União Soviética", página 10.